

POR UMA INTERVENÇÃO ANTI-CAPITALISTA  
NA ESCOLA!

Núcleos  
Estudantis de  
Intervenção  
Política

## MANIFESTO ELEITORAL

Para qualquer estudante que frequente ou vá frequentar o I.S.T. procurando através dos estudos a obtenção do "canudo" e alimentando a ilusão de que este lhe permitirá um futuro economicamente estável e socialmente "respeitável", várias constatações se impõem:

- o I.S.T. está incapaz de lhe oferecer as condições materiais (1000 alunos sem entrada assegurada, ausência de salas, professores, etc.) para a realização "pacífica" de tais estudos;
- os estudos que mesmo assim lhe são (e serão) propostos nada têm (nem terão) a ver com o seu quotidiano na sociedade capitalista - isto é, enquanto somos quotidianamente vítimas da irracionalidade do sistema (ao nível dos transportes públicos, da habitação, dos tempos livres, da repressão familiar e social, etc.), na escola preenchem-nos todo o tempo com equações matemáticas e a aprendizagem de soluções técnicas para problemas técnicos;
- são esses mesmos estudos que não permitem (ou escamoteiam) a compreensão da realidade social, que não possibilitam a aquisição de conhecimentos necessários a uma análise coerente das questões com que qualquer estudante se confronta diariamente (inflação, aumento do custo de vida, exploração e opressão das classes trabalhadoras, agudização dos conflitos sociais, luta pelo poder político, etc.);
- é a partir do facto de estudarmos que nos atribuem o "papel de estudante", isolando-nos em relação ao aparelho produtivo, tornando-nos assim mais vulneráveis a engolir uma ideologia que mascara a exploração e o lucro capitalista sob a capa da neutralidade da ciência e da técnica;
- e a nível do "tão desejado futuro" também se torna claro que ele será (é) para a maioria dos futuros engenheiros um futuro de sub-emprego ou mesmo desemprego no qual o sistema demonstrará as suas incapacidades de realizar a ("ascensão social" prometida);
- mesmo aqueles que mais "receptivos" se mostrarem ao produto oferecido (estudo) e portanto, possam vir a ser os "tais engenheiros", para além da ilusão de que são eles a decidir e a criar as soluções para responder às necessidades da produção, estarão sempre subjugados pela vontade do capital e irremediavelmente obrigados a aumentarem o lucro da empresa em detrimento das classes exploradas e oprimidas.

Deparamo-nos, portanto, com uma escola que mais não é que uma  
FÁBRICA DE ENGENHEIROS.

E isto porque:

A escola na sociedade capitalista é uma instituição não integrada no processo produtivo, especializada em preparar os jovens para desempenharem, no futuro um lugar na produção social. A sua finalidade em última análise assegurar a reprodução dos quadros necessários à produção e a outros níveis de necessidades da máquina capitalista de exploração, bem como a de veicular a ideologia da classe dominante.

O acesso mais ou menos alargado a ela, depende sobretudo das maiores ou menores necessidades do capital qualificar a mão-de-obra e não de um propósito altruísta de "democratizar a cultura e o saber". Assim, a crise dos aparelhos escolares não resulta fundamentalmente de questões internas à escola mais sim da divisão capitalista do trabalho à qual ela está subordinada.

De facto as características e as contradições do processo produtivo capitalista estão, de certa maneira, presentes na escola:

- é a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, a divisão entre aqueles que executam e aqueles que sabem e dirigem que origina a irremediável e permanente crise dos aparelhos escolares - lugar onde essas hierarquias se reproduzem, mistificadas por toda uma ideologia que atribui a selecção às características de cada estudante "apagando" o carácter de classe que ela efectivamente tem (o estudante que entra para a primária ou "tem valor" está apto a chegar a quadro médio ou é "pouco inteligente" e então não serve para preencher "altas funções" - a escola que o deforma, o oprime e o rejeita é, para essas ideologias, perfeitamente neutra, imutável, aclassista).

MAS SERÁ QUE O I.S.T. CONTINUA A SER UMA FÁBRICA DE ENGENHEIROS?

ENTÃO, E A ESCOLA "DEMOCRÁTICA"?

Pelo que atrás afirmamos a escola continua a conter em si as características fundamentais da dominação capitalista, continua controlada pelas forças sociais economicamente dominantes pois são estas que lhe atribuem a sua função social e lhe dão a sua razão de ser.

E será que são as classes trabalhadoras que conquistaram e detêm o poder económico nas fábricas, nos campos, em todos os sectores fundamentais da exploração capitalista?

A resposta a esta questão, embora clara, obriga a reportarmo-nos à análise da situação política actual como forma de melhor compreendermos o papel dos aparelhos escolares e a permanência das suas contradições fundamentais.

## CONTRIBUTOS PARA A ANÁLISE DA SITUAÇÃO POLÍTICA

Vive-se neste momento em Portugal uma crise social - fruto da crise económica mais geral do sistema capitalista mundial e agravada pelo carácter



dependente do capitalismo português e ainda pelo facto de existir, actualmente em Portugal, um desfazamento entre o poder político e o poder económico. Desfazamento esse que se manifesta entre o poder económico que se mantém inalterado nas mãos das classes exploradoras (principalmente no que diz respeito ao capital financeiro - P.P.D., C.D.S.) e as conquistas e os avanços que o bloco reformista (P.C.P. - P.S.) fez em relação às classes capitalistas ao nível do poder político, do poder ideológico e do aparelho de estado.

Após o 25 de Abril a burguesia portuguesa não podia, face ao avanço do movimento de massas, face ao alastrar das reivindicações populares e do movimento grevista (e devido à relação de forças no seio do M.F.A.) assumir sozinho a condução do Governo Provisório.

É portanto no quadro duma aliança táctica entre o capital financeiro e bloco reformista (com sujeição deste) que se desenrola o golpe "Palma Carlos" e o golpe "28 de Setembro". Reforçando então as suas posições, as forças reformistas no poder detêm neste momento uma certa hegemonia política e ideológica que (se bem que transitória) lhes permite assumir a "preponderância" na cena política, adaptando a sua táctica à nova relação de forças.

É assim que neste momento o capitalismo português tem margem de manobra e poder para avançar com um processo de reconversão do seu débil aparelho produtivo, processo esse que é encabeçado pelo capital financeiro e assenta no aumento da exploração da classe operária e demais classes exploradas (aumento dos ritmos de trabalho, despedimentos, desemprego, aumento do custo de vida, etc.), que se traduz pela tentativa de consolidação de uma democracia burguesa dotada de um forte aparelho repressivo de estado, por um desenvolvimento acelerado da "economia nacional" e por um travar das lutas autónomas das classes trabalhadoras.

A perspectiva de crise social e do seu desenvolvimento terá que ter em conta:

- a possibilidade (ainda que momentaneamente afastada) dos sectores mais reaccionários da burguesia portuguesa surgirem como centro de coesão de todas as facções da classe capitalista e assumir a iniciativa política, naturalizando o M.F.A., comprometendo as "liberdades democráticas" e institucionalizando a repressão sistemática à luta e organização das classes trabalhadoras;
- o papel de equilíbrio social que o sector reformista (fundamentalmente o P.C.) assume quando toda a sua intervenção é no sentido de controlar as lutas da classe, de caluniar e mistificar as razões das lutas operárias que escapam ao seu controle e que rompem o quadro da reivindicação institucional (caso TAP, LISNAVE, SOGANTAL, CTT, J.Comércio e outras);
- a capacidade de sectores fundamentais ao nível da luta de classes imprimirem um avanço ao movimento de massas, ao mesmo tempo que inculcam nele a perspectiva de superação do sistema capitalista, dando assim passos decisivos na construção da alternativa socialista e na organização das classes trabalhadoras.



Daqui se infere que as classes trabalhadoras (que tudo produzem) não são quem realmente detém o poder e portanto se existe neste momento para o grupo estudantil um espaço alargado de intervenção política no interior da escola e no quotidiano da cidade isso não impede que sejam as necessidades do capital a imperarem sobre todas as questões fundamentais e decisivas no que diz respeito à função dos aparelhos escolares.

Face a tudo isto decidimo-nos candidatar aos corpos gerentes da AEIST. E fazemo-lo porque:

- reconhecemos a incapacidade das tradicionais "linhas de orientação associativa" em aproveitarem a riqueza do actual momento político, quer porque assumem um papel de controle sobre as massas estudantis, desprezando os seus impulsos mais avançados ao apelarem constantemente para a acalmia "em nome da reconstrução nacional"; quer porque resumindo a sua actuação a um confronto histórico e estéril contra os professores, em nome da defesa dos "interesses dos estudantes", tornam-se objectivamente incapazes de articular o quotidiano estudantil com a problemática política mais geral;
- avançamos um projecto de intervenção, que se propõe, partindo das contradições próprias ao grupo estudantil, levar à prática um alinhamento real, progressivo e não "moralista" da luta estudantil com a luta mais geral de todos os explorados e oprimidos.

Nesse sentido propomos aproveitar o próximo período eleitoral para lançar na escola uma prática de intervenção e discussão que permita ao M.E. ganhar novas formas organizativas com vista a uma real articulação com a luta dos trabalhadores.

#### O NOSSO PROJECTO DE INTERVENÇÃO ESTUDANTIL

Da análise atrás feita dos aparelhos escolares, do momento político actual e tendo em conta as características do grupo estudantil (separação em relação ao processo produtivo, secundaridade histórica, fácil acesso a modelos teóricos de gestão social) retira-se que este não tem possibilidades de opor à actual Universidade burguesa qualquer alternativa global, tipo "Reforma Geral e Democrática do Ensino", mas sim aproveitar em cada momento da sua dinâmica os pontos de conflito e de ruptura no sentido de um programa de luta que unifique o grupo estudantil à luta das classes trabalhadoras. Para que essa ligação seja militante e não "moral", para que dê origem a práticas reais e articuladas com o quotidiano escolar, ultrapassando uma ligação abstracta e ideológica terá que ser feita com base nos conflitos próprios à juventude estudantil na sociedade capitalista, com base numa organização que radique a sua força nas turmas, cursos e anos, só assim podendo vir a ser uma prática de massas.

Daf colocarmos o nosso projecto de intervenção em torno de duas palavras de ordem:

- Por uma prática estudantil de base
- Por uma ligação efectiva à luta dos trabalhadores

## .POR UMA PRÁTICA ESTUDANTIL DE BASE

a) Pelo controle estudantil na escola capitalista, não como forma de os estudantes se "apoderarem definitivamente da escola" (pois que os aparelhos escolares são sempre ideologicamente controlados pelas forças sociais dominantes) mas como campo de prática de intervenção no interior da instituição que permita em cada momento contrapor aos discursos e aos mecanismos institucionais burgueses, práticas colectivas e críticas que possibilitem:

- voltar o quotidiano estudantil para a realidade da luta dos trabalhadores, procurando fornecer materiais de crítica ao sistema e experiências de luta;
- voltar a escola para a luta anti-capitalista, procurando fazer com que ela se torne não só um local de onde saiam pessoas com conhecimento de várias técnicas, mas também uma difusora de materiais de crítica e de militantes para os vários campos de intervenção.

Para isso, defendemos que o trabalho nos cursos deve ser virado para:

- a criação de poderes efectivos em contraposição aos órgãos de cúpula (quer às direcções associativas, quer aos órgãos de gestão da escola);
- a criação de várias estruturas a todos os níveis de base (informativas, culturais, etc.) de modo a possibilitarem uma participação efectiva do maior número possível de estudantes.

## .POR UMA LIGAÇÃO EFECTIVA A LUTA DOS TRABALHADORES

Tentando voltar o quotidiano escolar para junto dos únicos que poderão alterar esta ordem social - as classes trabalhadoras. A ligação à luta dos trabalhadores é o ponto principal do nosso programa, devendo entender-se o controle estudantil na escola capitalista como uma forma de avançar na quebra do isolamento face às classes exploradas e oprimidas, quer através da intervenção no campo da luta urbana e anti-colonial quer apoiando directamente a luta dos trabalhadores.

A luta urbana como um conjunto de práticas de intervenção na cidade, em zonas operárias, na perspectiva de que a exploração e opressão capitalista não é exclusiva à fábrica mas se prolonga no quotidiano e na organização da cidade.

Apoiando directamente a luta dos trabalhadores, criando centros de informação e apoio às suas lutas numa perspectiva de contribuir para o reforço dos embriões de poderes populares que começam a surgir. Procurando que os trabalhos produzidos nas cadeiras de índole social possam ser pensados como formas de contributos efectivos a essas iniciativas.

A luta anti-colonial, desmascarando qualquer tentativa de solução neo-colonial para as colónias, contribuindo para a divulgação das posições dos movimentos de libertação.



6.

É portanto:

- no sentido de aliviar o M.E. do peso burocrático e controlador das AEs;
- no sentido da construção duma organização de base, que ultrapassando os avanços e retrocessos momentâneos, seja capaz duma mobilização estudantil permanente;
- no sentido de avançar um programa de luta, aberta à riqueza e à especificidade de cada momento e de cada luta;
  - no sentido de provocar duma forma não dogmática, um real alinhamento do M.E.

- no sentido de provocar duma forma não dogmática, um real alinhamento do M.E. com o movimento progressista mais geral;

que apresentamos a nossa candidatura aos corpos gerentes da AEIST.

. POR UMA PRÁTICA ESTUDANTIL DE BASE

. POR UMA LIGAÇÃO EFECTIVA À LUTA DOS TRABALHADORES

Lista dos NEIP candidata aos corpos gerentes da AEIST (em organização).

Novembro de 1974

**NEIP**